

## **A IMANÊNCIA DE UMA NARRATIVA PRESENTIFICADA**

estratos de uma dobra na leitura de DELEUZE com FOUCAULT

**\* da série CURRICULUM - lugar onde se corre**  
por JAYMINI SHAH, 2019

62

QUAL É A NOSSA **LUZ** E QUAL É A NOSSA “VERDADE” HOJE?

\*

QUE **PODERES** É PRECISO ENFRENTAR E QUAIS SÃO AS NOSSAS POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA HOJE, QUANDO NÃO PODEMOS NOS CONTENTAR EM DIZER QUE AS VELHAS LUTAS NÃO VALEM MAIS?

\*

E SERÁ, ACIMA DE TUDO, QUE NÃO ESTAMOS ASSISTINDO, PARTICIPANDO DA “**PRODUÇÃO** DE UMA NOVA SUBJETIVIDADE”?

\*

AS MUTAÇÕES DO CAPITALISMO NÃO ENCONTRAM UM ADVERSÁRIO INESPERADO NA LENTA **EMERGÊNCIA** DE UM NOVO SI COMO FOCO DE RESISTÊNCIA?

\*

CADA VEZ QUE HÁ UMA MUTAÇÃO SOCIAL, NÃO HÁ UM MOVIMENTO DE RECONVERSÃO SUBJETIVA, COM SUAS **AMBIGUIDADES**, MAS TAMBÉM SEUS POTENCIAIS?



# SAÍDA

## Como anular os diagramas?<sup>1</sup>

### Como ultrapassar a linha?

*A organização de vastos espaços fechados. De um ambiente fechado, não paramos de passar para outro, cada um com sua própria lei:*

*família  
escola  
quartel  
fábrica  
hospital  
prisão*

*Projetos ideais para concentrar, distribuir o espaço, ordenar pelo tempo, para compor as forças produtivas em que a dimensão tempo-espaço será maior que a soma dos componentes de força.*

---

<sup>1</sup> Texto em itálico: narrativa-apropriação de Deleuze sobre Foucault. Texto entre aspas: Deleuze citando Foucault. Composição e tradução nossa.

*A transitoriedade deste modelo: conseguiu a soberania das sociedades pelas funções e objetivos em algo bem diferente (criar impostos mais do que organizar a produção, governar sobre a morte ao invés de administrar a vida).*

*A sociedade disciplinar era o que já não éramos mais, o que deixamos de ser. Estamos numa crise generalizada em relação à todos os recintos fechados. É só uma questão de administrar suas últimas funções e manter as pessoas empregadas até a instalação das novas forças que batem à porta.*

*Não há necessidade de perguntar qual é o regime mais difícil ou mais tolerável, pois dentro de cada um deles as forças libertadoras e escravizadoras se confrontam mutuamente.*

*No Julgamento, Kafka, que já havia se colocado em um ponto crucial entre dois tipos de formação social, descreveu a mais temível das formas jurídicas.*

*A aparente absolvição das sociedades disciplinares (entre dois encarceramentos); e os adiamentos ilimitados das sociedades de controle (em variação contínua) são dois*

*modos muito diferentes da vida jurídica, e se a lei é hesitante, ela mesma em crise, é porque estamos deixando uma para entrar na outra.*

*A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais os espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário - estado ou poder privado - mas figuras codificadas - deformáveis e transformáveis - de uma única corporação que agora tem apenas acionistas.*

*Até a arte deixou os espaços de reclusão para entrar nos circuitos abertos dos bancos. A corrupção, assim, ganha um novo poder.*

*Para o sistema escolar: formas contínuas de controle, e o efeito sobre a escola como treinamento perpétuo, o correspondente abandono de toda pesquisa universitária, a introdução da corporação em todos os níveis de escolaridade.*

## **Illegalismos-Lei**

*Isomorfismo - paradoxo/contradição*

*O poder “produz realidade”, antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou mascarar.*

*A lei é sempre uma composição de ilegalismos, que ela diferencia ao formalizar.*

*A lei é uma gestão dos ilegalismos, permitindo uns, tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante, tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou, mesmo, fazendo-os servir à classe dominante, finalmente proibindo, isolando e tomando outros como objeto, mas também como meio de dominação.*

*O mapa dos ilegalismos, entretanto, continua a trabalhar sob o modelo da legalidade.*

*A lei não é nem um estado de paz nem o resultado de uma guerra ganha: ela é a própria guerra e a estratégia dessa guerra em ato, exatamente como o poder não é uma propriedade adquirida pela classe dominante, mas um exercício atual de sua estratégia.*

*É um “diagrama”, isto é, um funcionamento que se abstrai de qualquer obstáculo ou atrito... e que se deve destacar de qualquer uso específico. O diagrama não é mais o*

*arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva.*

*É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar.*

*O saber diz respeito a matérias formadas (substâncias) e as funções formalizadas, repartidas segmento a segmento sob as duas grandes condições formais, ver e falar, luz e linguagem: ele é, pois, estratificado, arquivado, dotado de uma segmentaridade relativamente rígida.*

*O poder, ao contrário, é diagramático: mobiliza matérias e funções não-estratificadas, e procede através de uma segmentaridade bastante flexível. Constituem uma estratégia, enquanto exercício do não-estratificado, e as “estratégias anônimas” são quase mudas e cegas, pois escapam às formas estáveis do visível e do enunciável.*

*Os fatores de integração, agentes de estratificação, constituem instituições: o Estado - mas também a Família, a Religião, a Produção, o Mercado, a própria Arte, a Moral...*

*As instituições não são fontes ou essências, e não tem essência nem interioridade. São práticas, mecanismos operatórios que não explicam o poder, já que supõem as relações e se contentam em “fixá-las” sob uma função reprodutora e não produtora.*

*Precisamente, as relações de força determinam pontos singulares, de tal modo que um diagrama sempre é uma emissão de singularidades. A “regularidade” como uma propriedade do enunciado. O enunciado é a curva que une pontos singulares, isto é, que efetua e atualiza as relações de força.*

### **Invaginar**

#### **O dentro do fora**

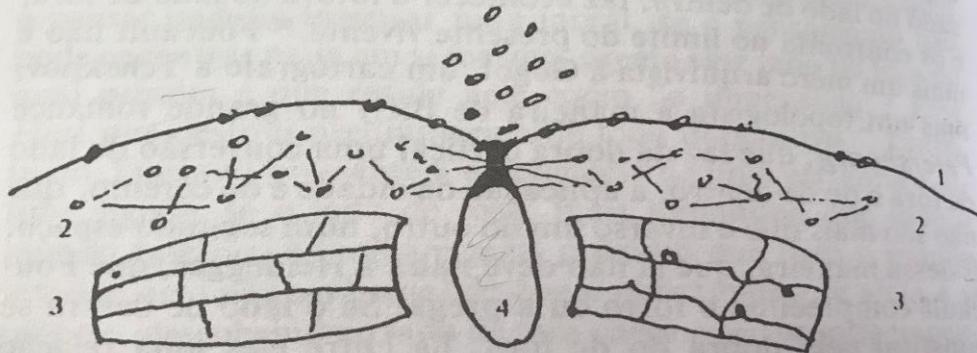
*“Aqui estamos, como sempre incapazes de ultrapassar a linha, de passar para o outro lado... Sempre a mesma escolha, do lado do poder, do que ele diz ou faz dizer...”*

*“O ponto mais intenso das vidas, aquele na qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar às suas armadilhas”.*

*Os centros difusos de poder não existem sem pontos de resistência que têm de alguma forma, o primado (jamais impedirá a irredutibilidade histórica do visível), - e que o poder, ao tomar como objetivo a vida, revela, suscita uma vida que resiste ao poder - enfim, que a força do lado de fora não pára de subverter, de derrubar os diagramas. Mas o que se passa, inversamente, se as relações transversais de resistência não param de se reestratificar, de encontrar, ou mesmo fabricar, esses nós de poder? A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose.*

*O tema de um dentro, que seria apenas a prega do fora, como se o navio fosse uma dobra no mar. A respeito do louco lançado em sua nau: “ele é colocado no interior do exterior, e inversamente (...) prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas, solidamente acorrentado à infinita encruzilhada, ele é o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem”.*

## DIAGRAMA DE FOUCAULT



1. Linha do lado de fora

3. Estratos

2. Zona estratégica

4. Dobra (zona de subjetivação)

*Enquanto o lado de fora está dobrado, um lado de dentro lhe é coextensivo, assim como a memória é coextensiva ao esquecimento. É esta coextensividade que é a vida, longo período. O tempo se torna sujeito, por ser a dobra do lado de fora e, nessa condição, faz com que todo o presente passe ao esquecimento, mas conserva todo passado na memória, o esquecimento como impossibilidade de retorno e a memória como necessidade de recomeçar.*

*Era preciso passar pelo entrelaçamento estrático-estratégico para atingir a dobra ontológica.*

*Em suma, as condições nunca são mais gerais que o condicionado, e valem por sua própria singularidade histórica. Por isso as condições não são “apodíticas”, mas problemáticas. São condições, elas não variam historicamente, mas variam com a história.*

*Que posso eu saber, ou que posso ver ou enunciar em tais condições de luz e de linguagem? Que posso fazer, a que poder visar e que resistências opor? Que posso ser, de que dobras me cercar ou como me produzir como sujeito?*

*Fala-se/Vê-se, Combate-Se, Vive-Se.*

*Que posso eu, Que sei eu? Quem sou eu?*

**Para as coisas que devemos aprender antes de fazer.**

Tania Bruguera<sup>2</sup>

Politicamente

Institucionalmente

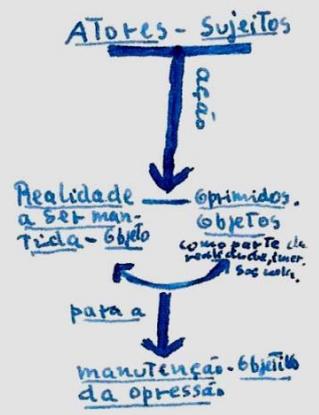
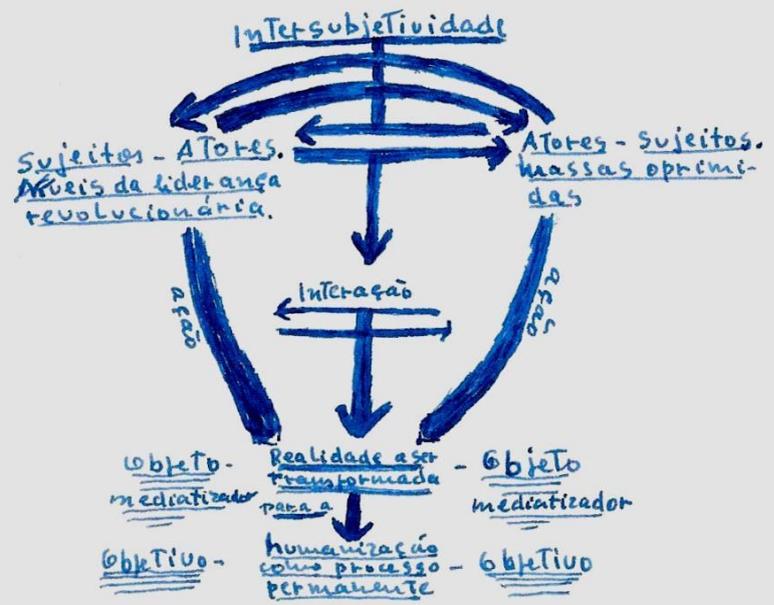
Problemas, dilemas éticos

---

<sup>2</sup>Artista cubana contemporânea. Aqui, estratos captados de uma palestra sobre seus processos artísticos.

Teoria da Ação Revolucionária.

Teoria da Ação Opressora.



Do artista TRAPLEV - para oficina propará nos dias 16 a18 de julho de 2019 no SESC-SP Projeto de re-alfabetização política e formação crítica "almofadas pedagógicas".

Como isso será usado pelos outros?

Problemas potenciais  
ato político

Nova linguagem para o que estamos fazendo - ética/estética  
Estética propondo uma nova ética

Pra que serve a arte?

1917 - Duchamp, a Fonte  
mercado, publicidade/propaganda  
Construtivismo Russo  
Cuba

Transformar afeto em afetividade política  
Territorialidade - forma expansiva  
Implicações políticas - linguagem que todos entendem

Hiper-realismo como estratégia - jornal  
Apropriando-se dos recursos do poder  
Por a propaganda em teste  
O corpo o limite

Trabalhando no limite da sociedade  
Arte de conduta em vez de performance  
Como você se comporta em tal situação?  
Você será um espectador?  
Ou você será um participante?

Não uma artista mas uma iniciadora

TEMPO:

Est-ética

é ética

A proposição de uma nova ética de regras para se guiar  
Da performance para o comportamento.

CONDUTA

Arte-útil

Quais são os usos da arte e suas instituições hoje?

Arte não como produção mas como implementação

Produzida, investigada e utilizada

Testemunha/colaborador X ativação falsa/roteiro

Falando ao poder

Escola de arte-útil

Comunicar com o povo e estar no movimento social

Ecossistema social

Compromisso social e político

Na dicotomia entre a Fonte (1917) e o Construtivismo Russo, da arte para o povo

Como devolver o valor de uso para a arte?

## Referências

DELEUZE, Gilles. **Foucault**; tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

\_\_\_\_\_. **Postscript on the Societies of Control// 1990**. In: Networks: Documents of Contemporary Art. Edited by Lars Bang Larsen. London: Whitechapel Gallery; Cambridge, Massachusetts: The Mit Press, 2014.

**Tania Bruguera: On Implementing Arte Útil**. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=LQQxjXWBPOM>.